



EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)





EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Epistemologia e metodologia da pesquisa interdisciplinar em ciências humanas 2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: David Emanuel Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E64 Epistemologia e metodologia da pesquisa interdisciplinar em ciências humanas 2 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-852-6

DOI 10.22533/at.ed.526210803

1. Epistemologia. 2. Ciências Humanas. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 121

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A obra apresenta pesquisas em andamento e concluídas em diversas regiões do Brasil, como Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Roraima, Amazonas e São Paulo, além de uma pesquisa em Córdoba, trazendo amplas discussões sobre os mais diversos temas: educação, geografia agrária, gênero, saúde, higiene, moda, direito e religião.

O segundo volume traz pesquisas principalmente nas áreas de educação, gênero e religião. Do capítulo 1 ao 7 temos textos que discutem a educação brasileira em diversos aspectos: a alfabetização não escolar (Capítulo 1), o papel do coordenador pedagógico na educação infantil (Capítulo 2), as políticas de expansões das Instituições de Ensino Superior (IFEs) no capítulo 3.

Os capítulos 7 e 8 fazem a ligação deste tema com pesquisas dedicadas à temática gênero, trazendo discussões sobre uma educação voltada à sexualidade e de uma educação inclusiva a partir da problematização do conceito de gênero.

O capítulo 9 é dedicado ao estudo da presença feminina nas Forças Armadas. Temos também um capítulo dedicado à abordagem da construção da identidade profissional de gestoras (capítulo 10), a saúde de mulheres lésbicas e bissexuais inviabilizadas na medicina (Capítulo 11). O capítulo 12 por sua vez traça uma historicidade da homossexualidade desde a pré-história problematizando as interpretações a respeito do termo.

Do capítulo 13 em diante temos discussões mais próximas da religião com pesquisas que problematizam o gênero e a religião como marcadores históricos (Capítulo 13), o aconselhamento pré-nupcial (Capítulo 14), a iconoclastia da religião ocidental a partir de Gilbert Durant (Capítulo 15) e a educação cristã segundo a *Divini Illius Magistri* (Capítulo 16).

O volume II da obra “Epistemologia e Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas 2” conclui com um capítulo de autoria de Ana Paula Dias e Isamara Freire a respeito da modelagem contemporânea e as técnicas de tricô a partir de lã reciclada e fios 100% de lã voltadas ao vestuário feminino.

O terceiro volume é dedicado a temas mais diversificados, trazendo pesquisas nas áreas de ciências agrárias e geografia, história (patrimônio, urbano) e saúde (corpolatria, enfermagem, medicina).

O primeiro capítulo dedica-se a explorar as políticas públicas na agricultura camponesa, já o segundo trata da recamponização no Vale do Jauri. Também encontramos um capítulo dedicado à explorar o cultivo monocultural (plantio de uma só cultura) transgênica, fundamentado nas discussões de Capra e Morin.

O capítulo 4 por sua vez, de autoria de Rogério da Silveira, aborda novos métodos de pensar a gestão metropolitana. Em seguida temos uma discussão sobre interdisciplinaridade no campo da economia política a partir da epistemologia da palavra.

O capítulo 6 demonstra o compromisso da Atena Editora em estabelecer relações internacionais, um texto em língua estrangeira (espanhol) dedicado à exploração da fronteira interétnica no sul de Córdoba, dos autores argentinos Ernesto Olmedo e Marcela Tamagnini.

O capítulo 7, Tensões entre governo e terceiro setor no Brasil - uma análise do discurso midiático aborda as políticas públicas que envolvem o 3º setor.

O oitavo capítulo do livro dedica-se ao estudo da integração da América do Sul e o meio ambiente na região amazônica por meio de um método qualitativo bibliográfico-documental para analisar as construções das usinas hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau no Rio Madeira, em Roraima.

Os capítulos 9 a 11 abordam discussões sobre a preservação do espaço urbano, um versa sobre o edifício Caiçara em Recife, outro trata dos jardins românticos do início do século passado na cidade de Vitória, especificamente o parque Moscoso e a praça João Clímaco e o último retrata a paisagem urbana nas construções do entorno da Escola Técnica de São Paulo.

O capítulo 12 e 13 tratam de pesquisas desenvolvidas no Rio de Janeiro, porém com recortes temporais e espaciais diferentes. Enquanto um trata de uma pesquisa sobre as tradições medicinais da comunidade quilombola de Cruzeiroinho (Rio de Janeiro), outra trata da higiene pública na cidade de Rio de Janeiro à época do Império, por meio de uma pesquisa histórico documental.

Os capítulos seguinte investigam questões relacionadas à saúde. Em “Os riscos ergonômicos no cotidiano das equipes de enfermagem” e “Resistência emocional e empoderamento no salvar vidas: experiências de um enfermeiro emergencista no SAMU”, podemos ler pesquisas que problematizam e relatam a importância da enfermagem, capítulos altamente atrelados ao atual momento de enfrentamento à pandemia causada pelo COVID-19.

O penúltimo capítulo da obra trata dos padrões de beleza reforçados pelas mídias digitais com foco nos conceitos de Corpolatria e refletindo sobre as Histórias em Quadrinhos (HQs) da Turma da Mônica e as representações do corpo nesta mídia específica.

O último capítulo da obra trata da surdez unilateral trazendo embasamentos jurídicos sobre o assunto.

Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

NARRATIVAS DE MIGRANTES: EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO “NÃO ESCOLAR”

Zulmira Ferreira de Jesus Cacemiro

Valdilene Zanette Nunes

DOI 10.22533/at.ed.5262108031

CAPÍTULO 2..... 18

UMA ABORDAGEM DO PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO E SUAS ATRIBUIÇÕES NO CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Suely Cristina Soares da Gama

Kleide Ferreira de Jesus

DOI 10.22533/at.ed.5262108032

CAPÍTULO 3..... 33

A ATUAÇÃO DA BUROCRACIA DE MÉDIO DE ESCALÃO NA CONSECUÇÃO DA IMPLEMENTAÇÃO POLÍTICA DE EXPANSÃO DAS IFES NO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Andreza dos Santos Sousa

DOI 10.22533/at.ed.5262108033

CAPÍTULO 4..... 56

CBAI E OS AGENTES DO ENSINO INDUSTRIAL (1946 A 1963)

Nívea Maria Teixeira Ramos

José Geraldo Pedrosa

DOI 10.22533/at.ed.5262108034

CAPÍTULO 5..... 69

COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO: INTRODUÇÃO METODOLÓGICA

Adelcio Machado dos Santos

Rubens Luís Freiburger

Daniel Tenconi

Danielle Martins Leffer

Alisson André Escher

DOI 10.22533/at.ed.5262108035

CAPÍTULO 6..... 77

DA DOCILIZAÇÃO À MIMESE: AS INICIATIVAS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL COMO MECANISMOS DE ADAPTAÇÃO À CONCEPÇÃO NEUROLÓGICA DA MODERNIDADE À ECONOMIA 4.0

José Rodrigo Paprotzki Veloso

DOI 10.22533/at.ed.5262108036

CAPÍTULO 7..... 90

EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE NA ESCOLA: A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DIÁLOGICO E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SUBJETIVOS

Pedro Raimundo Mathias de Miranda

José Moysés Alves

DOI 10.22533/at.ed.5262108037

CAPÍTULO 8..... 101

“COISA DE MENINO, COISA DE MENINA”: O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO COMO BASE PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Fábio Peron Carballo

DOI 10.22533/at.ed.5262108038

CAPÍTULO 9..... 116

MULHERES, FORÇAS ARMADAS E GÊNERO: BREVES NOTAS SOBRE POTENCIALIDADES E DESAFIOS

Rafael Normando Miranda Morais

André Luiz Machado das Neves

Juliana Maria Duarte Marques

DOI 10.22533/at.ed.5262108039

CAPÍTULO 10..... 131

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL: ESTUDO COM GESTORAS DAS GERAÇÕES *BABY BOOMERS*, X E Y

Marlene Catarina de Oliveiras Lopes Melo

Vilma Santos Pereira de Faria

Ana Lúcia Magri Lopes

DOI 10.22533/at.ed.52621080310

CAPÍTULO 11..... 149

A SEXUALIDADE DE CORPOS INVISIBILIZADOS PELAS REPRESENTAÇÕES MÉDICAS: COMO PROMOVER A SAÚDE DE MULHERES LÉSBICAS E BISSEXUAIS DIANTE DESSE CONTEXTO?

Beatriz Silva Matos

Luana Ferreira Botelho

Preciliana Barreto de Moraes

Rosendo Freitas de Amorim

Amanda Sousa Felix

Breno Igor Medeiros Freitas

Bruna Maria Costa Gomes

Luany de Queiroz da Silva

Antônio Fábio Macedo de Sousa

Clara da Silva Soares

DOI 10.22533/at.ed.52621080311

CAPÍTULO 12..... 159

HOMOSSEXUALIDADE: DAS RAÍZES PRÉ-HISTÓRICAS ÀS NOVAS LUTAS IDENTITÁRIAS DE RECONHECIMENTO

Lucas Ramos Ruas

Maria de Fátima Araújo Di Gregório

DOI 10.22533/at.ed.52621080312

CAPÍTULO 13	166
RELIGIÃO E GÊNERO: UM BREVE RELATO DA RELAÇÃO ENTRE ESTES MARCADORES NA HISTÓRIA	
Ana Margareth Manique de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.52621080313	
CAPÍTULO 14	177
ACONSELHAMENTO PRÉ-NUPCIAL: UMA PROPOSTA PASTORAL SOB O PONTO DE VISTA DA MORAL ÉTICA E DOS DIREITOS HUMANOS	
Samuel Sanches	
DOI 10.22533/at.ed.52621080314	
CAPÍTULO 15	184
A ICONOCLASTIA DA RELIGIÃO OCIDENTAL: UM PARADOXO DO IMAGINÁRIO SEGUNDO GILBERT DURAND	
Carlos André Macêdo Cavalcanti	
José Herculano Filho	
DOI 10.22533/at.ed.52621080315	
CAPÍTULO 16	192
A EDUCAÇÃO CRISTÃ SEGUNDO A ENCÍCLICA <i>DIVINI ILLIUS MAGISTRI</i>	
Maximiliano Gonçalves da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.52621080316	
CAPÍTULO 17	205
CORRELAÇÕES ENTRE MODELAGEM CONTEMPORÂNEA E AS TÉCNICAS DE TRICÔ PARA O VESTUÁRIO FEMININO	
Ana Paula Dias	
Isamara Freire	
DOI 10.22533/at.ed.52621080317	
SOBRE A ORGANIZADORA	215
ÍNDICE REMISSIVO	216

CAPÍTULO 6

DA DOCILIZAÇÃO À MIMENSE: AS INICIATIVAS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL COMO MECANISMOS DE ADAPTAÇÃO À CONCEPÇÃO NEUROLÓGICA DA MODERNIDADE À ECONOMIA 4.0

Data de aceite: 01/03/2021

Data de submissão: 05/12/2020

José Rodrigo Paprotzki Veloso

Especialista pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e mestre pela Escola de Artes, Universidade de São Paulo.

São Paulo - SP

<https://orcid.org/0000-0002-1744-0868>

Ensaio original publicado como “As iniciativas de educação profissional como mecanismos de adaptação à concepção neurológica da Modernidade e ao desenvolvimento tecnológico” na Revista Ciência dos Trabalho, v.10, 2018, e apresentado no VII Simpósio Internacional de Trabalho, Relações do Trabalho, Educação e Identidade – SITRE, em Belo Horizonte, GT-09 “Americanismo, Trabalho e Educação”, publicado nos anais deste evento em 2018.

RESUMO: A educação profissional foi empregada na virada do século XIX para o século XX como mecanismo de adaptação do homem à Modernidade. Motivada pela urbanização crescente, o industrialismo e a emergência de novas tecnologias, a educação profissional não apenas buscou moldar o sujeito à empresa capitalista, mas a uma nova concepção neurológica característica do regime taylorista-fordista e à sociedade disciplinar vigente. O presente artigo se vale de conceitos de Georg Simmel, Walter Benjamin, Siegfried Kracauer dentre outros para dispor como se deu

esta adaptação, mas também sua reprodução ao longo do tempo com o emprego dos sistemas flexíveis de produção e, mais atualmente, com a Economia 4.0 em uma nova relação entre sociedade e tecnologia.

PALAVRAS-CHAVE: Educação profissional, Tecnologia, Modernidade, Desenvolvimento, Economia 4.0.

FROM DOCILIZATION TO MIMENSES: VOCATIONAL EDUCATION INITIATIVES AS MECHANISMS FOR ADAPTING TO THE NEUROLOGICAL CONCEPTION OF MODERNITY TO ECONOMY 4.0

ABSTRACT: Vocational education was adopted in the end of the 19th century and the beginning of 20th century as a mechanism to adapt man to Modernity. Motivated by growing urbanization, industrial development and the rising of new technologies, vocational education not only sought modeling man to capitalist enterprise, but a new neurologic conception that was typical from taylorism and fordism processes and the disciplinary society. This article uses concepts from Georg Simmel, Walter Benjamin, Siegfried Kracauer and others to help explain how vocational education has been used, but also its reproduction from the flexible system of production and, nowadays, with the Economy 4.0, in a new relation between society and technology.

KEYWORDS: Vocational education, Technology, Modernity, Development, Economy 4.0.

1 | INTRODUÇÃO: A CONCEPÇÃO NEUROLÓGICA DA MODERNIDADE

Os problemas mais graves da vida moderna derivam da reivindicação que faz o indivíduo de preservar a autonomia e a individualidade de sua existência em face das esmagadoras forças sociais, da herança histórica, da cultura externa e da técnica da vida.

Georg Simmel

Quando se argumenta sobre a Modernidade, é contumaz levantar conceitos sobre industrialização, urbanização, crescimento populacional, emergência de novas tecnologias e produção em massa. Tendo em vista estes conceitos, compreender como os cidadãos começaram a lidar com todas estas novidades na virada do século XIX para o século XX, presta-se a alicerçar o entendimento da relação do homem com a tecnologia neste século XXI. Conforme apontou Singer (2001), a Modernidade também pode ser entendida como um registro de experiência subjetiva fundamentalmente distinta, caracterizado por choques físicos e perceptivos do ambiente urbano moderno, distintivamente mais rápido, caótico, fragmentado e desorientador que suas fases precedentes, o que implicou em um ritmo de vida mais frenético a partir da velocidade do próprio processo produtivo que emergia, o qual são características o regime taylorista-fordista, a administração científica e a linha de montagem.

Para Giddens (1991), a Modernidade associa-se à história na medida em que pode ser identificada uma apropriação progressiva dos fundamentos racionais do conhecimento humano, portanto, trata-se de um tempo cujo repertório cultural do homem se vê forçosamente amalgamado às características inovadoras da tecnologia que se impõe, isto é, à máquina empregada para a produção em série. A Modernidade, assim, foi concebida como um bombardeio de estímulos, o que levou pensadores como Simmel, Benjamin e Kracauer a refletirem sobre uma concepção neurológica da Modernidade.

O presente artigo busca relacionar esta concepção com a institucionalização dos sistemas de educação profissional, de forma a compreender que seu desenvolvimento, mais do que formar mão de obra qualificada, buscou adaptar corpo e mente a um processo tecnológico em transformação, mais amplo do que o mero aprendizado ao ferramental e maquinário produtivo, mas um panorama onde a tecnologia influencia mais o homem do que o homem até então havia influenciado a tecnologia. Inaugurado na Modernidade, tal iniciativa aprimorou-se ao longo do século XX até os nossos dias, na aurora da Economia 4.0, onde outros encaixes de adaptação neurológica são demandados. Problematisa-se, portanto, no bojo da relação supracitada e em relação à velocidade e complexidade do atual processo tecnológico, o que é crítico na sociedade em rede quando se busca compreender as dinâmicas de transformações sociais e culturais contemporâneas.

21 A AURORA DOS MODELOS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Giddens (1991) aponta, dentre as dimensões institucionais da Modernidade, o capitalismo competitivo e expansionista, o industrialismo e o fomento à inovação tecnológica e a vigilância com base no controle da informação e supervisão social. A educação profissional, historicamente, é um resultado institucionalizado destas dimensões.

Segundo Moraes (2003), as escolas de educação profissional se organizaram segundo o modelo da Escola Imperial Técnica de Moscou, cujo objetivo era associar a instrução prática nas oficinas ao estudo teórico da matemática, física e química, com vistas ao atendimento às necessidades de qualificação da mão de obra que trabalhava na construção das estradas de ferro russas na segunda metade do século XIX. Para formação do currículo, o trabalho era decomposto em operações simples que eram objeto de análise e sistematização.

Assim, buscava-se diminuir o tempo do aprendizado e organizar a forma de aquisição de conhecimentos úteis para um contingente maior de pessoas do que os tradicionais aprendizes formados nas oficinas dos artífices. A rigor, a proposta era quebrar a sistemática tradicional de autopreservação dos artífices, sua reserva de conhecimento e sua reserva de provimento de mão de obra ao mercado. Assim, as escolas profissionais se traduziram como a institucionalização dos meios apropriados para que mais gente tivesse acesso aos recursos tecnológicos para que operasse dentro do universo da grande empresa capitalista. Este universo não se referia apenas à quantidade de pessoal disponível, mas obedecia à lógica do retorno sobre o investimento em termos da substituição de uma mão de obra de alta qualidade e organizada, tributária à organização e especialização dos artífices, por outra mais facilmente disposta na condição de recurso. Portanto, nos países onde a industrialização estava mais avançada no final do século XIX,

(...) o surgimento de novas maquinarias para a produção em larga escala foi aos poucos constituindo uma ameaça à posição dos trabalhadores qualificados, aumentando o número de trabalhadores não qualificados ou semiquilificados, pois as máquinas tendiam a substituir a mão de obra especializada e onerosa, em vez de buscar a eliminação das tarefas servis e sem qualificação. (SENNETT, 2012, p.123)

Desta forma, a educação profissional se configurava como uma estratégia ambiciosa. Apresentada pela primeira vez na Exposição Mundial de Viena, em 1873, e logo incorporada pelas escolas alemãs e francesas, já em 1876, na Exposição Mundial da Filadélfia, o modelo disseminado torna-se referência para as iniciativas de educação profissional nos Estados Unidos e em outros países (SENAI-SP, 2012b).

A problemática estava posta: não haveria como dinamizar modernização da produção e acumulação sem relacionar o elemento humano. Ressalta-se, nos primórdios da industrialização brasileira durante a transição do Império para a República, constatação de Gilberto Freyre ao apurar que “*cuidou-se da modernização das coisas e das técnicas sem*

se cuidar ao mesmo tempo da adaptação dos homens ou das pessoas a novas situações criadas pela ampliação ou pela modernização tecnológica da vida brasileira” (FREYRE, 2006, p.1019). Assim, foi por intermédio daquelas exposições e da aproximação com os grandes centros industriais que a burguesia industrial paulista, por exemplo, tomou ciência das iniciativas de educação profissional e procurou incorporá-la de forma minimamente sistematizada, quando findada a República Velha, em prol dos resultados que almejava.

Portanto, aliada à concepção do trabalho como instrumento pedagógico moralizador nessa sociedade em construção, a educação profissional irá combinar-se com os rigores da disciplina fabril e com a moral produtiva. Portanto, para além do objetivo visível e pragmático da qualificação ao posto de trabalho, ela é produto da Modernidade na condição de sistema estabilizador de papéis sociais (LETTIERI, 1976).

3 | O REGIME TAYLORISTA-FORDISTA E A SOCIEDADE DISCIPLINAR

Para Pinto (2007), a racionalização do taylorismo-fordismo no uso da tecnologia permitiu significativa intensificação do trabalho do homem por meio do uso do cronômetro e da velocidade automática da linha de produção em série, impondo ao trabalhador a condição de laborar dentro de parâmetros desejáveis de tempo e procedimentos. Considerando o farto contingente populacional que migrava do campo para cidade, é inevitável considerar que a cidade moderna, com sua explosão de estímulos motivados pela tecnologia (iluminação pública, cinema, rádio, meios de transporte e maquinário industrial), havia transformado a experiência subjetiva em relação às tensões do homem e sua carga até então inédita de ansiedade: o acionamento constante de atos reflexos e impulsos nervosos que fluíam pelo corpo (SIMMEL, 1987).

Singer (2001) aborda em seu estudo que um dos temas que impregnaram os jornais na virada do século era a retratação de mortes e mutilações por máquinas em fábricas: a tecnologia que se espalhava era narrada como hostil. Segundo esse autor, tal atenção aguçada à morte acidental no local de trabalho situou a tecnologia moderna como uma ameaça à vida e ao corpo, com ênfase ao perigo da vida moderna narrada na primeira pessoa do plural pela própria classe trabalhadora, principal público leitor da imprensa sensacionalista. No entanto, refutando o argumento ludista, não se tratava de uma luta do homem contra a tecnologia, mas de uma luta do homem tentando sobreviver num modelo social que lhe parecia antagônico, posto que até mesmo suicídios foram interpretados como denúncias implícitas de uma vida moderna intolerável.

Para além da tecnologia empregada no ambiente produtivo, as análises de Kracauer e Benjamin indicaram que a Modernidade estimulava um tipo de renovação do aparelho sensorial do indivíduo. Benjamin (1994), aliás, ressaltou que a vida urbana e a esteira rolante nas fábricas sujeitaram os sentidos humanos a um tipo complexo de condicionamento. O organismo mudou de ritmo, alinhando-se à velocidade da metrópole, sua pluralidade

de sons e imagens, gerando uma necessidade nova e urgente de estímulos. Assim, a Modernidade buscou acomodar a classe trabalhadora por meio de duas ações: purgação e docilização.

A purgação foi resultado do destaque do sensacionalismo e o patrocínio da excitação, oferecidos às classes trabalhadoras. Funcionaram como resposta compensatória ao empobrecimento da experiência moderna, uma contrapartida ao frenesi e tédio da alienação laboral, uma consequência do emprego de mão de obra semiquificada lidando com as novas tecnologias. Ainda de acordo com Singer (2001), os nervos humanos eram sujeitados ao desgaste físico tornando-se mais fracos, lentos e menos sensíveis quando expostos a muitos estímulos. Nervos superexcitados e esgotados criaram um modo de percepção fatigada que imaginava um mundo em um tom uniformemente insípido e cinzento. Conforme Leal e Corpas, “*a sociedade urbano-industrial, a vivência do choque, a hiperestimulação sensorial contribuem para a perda da experiência*” (2014, p.52). Portanto, sensações cada vez mais fortes eram necessárias para penetrar os sentidos atenuados para formar uma impressão e redespertar a percepção.

A docilização, no entanto, teve outra finalidade embora compartilhasse a mesma lógica original pela qual a aceitação dos choques é facilitada pelo treinamento ao enfrentar estímulos. É precisamente aí que entram os modelos de educação profissional. Tomando-se como base as observações de Foucault (2007), compreende-se as primeiras iniciativas destes modelos como ações voltadas à eliminação das identidades pessoais, de forma a homogeneizar os indivíduos, conformando-os ao mesmo padrão moral de submissão e docilidade ao poder (através da sublimação do estigma do medo da máquina, da rotina burocrática e do trabalho serial) e, ao mesmo tempo, diferenciá-los e hierarquizá-los segundo seus comportamentos e aptidões, de acordo com o uso que se espera fazer deles ao se tornarem egressos da instituição formadora. Foi uma ação para desconstruir a cultura do artífice e colocar o controle do processo produtivo, isto é, os recursos (humanos e tecnológicos) sob gestão do patronato.

Ressalta-se que esta docilidade ao poder implicava na aceitação da atividade laboral com passividade em relação à fragmentação do trabalho a partir da sistemática da reprodutibilidade técnica. Este argumento indica naturalmente uma mutação do trabalho, outrora parte integrante do homem, produto de sua subjetividade (portanto, autêntico) e característica do artífice:

A máquina introduziu um novo elemento, na relação entre quantidade e qualidade. Pela primeira vez, a pura e simples quantidade de objetos uniformes gerava a preocupação de que a repetição embotasse os sentidos, isenta a uniforme perfeição dos bens mecanizados de qualquer empatia mais convidativa, de qualquer reação pessoal. (SENNETT, 2012, p.126)

Segundo Benjamin (1994), a autenticidade de algo produzido é a quintessência daquilo transmitido pela tradição, desde sua origem (a relação do homem e seu meio)

até seu testemunho histórico. Como ela se esquia do homem através da reprodução sistemática, também o testemunho se perde, substituindo a existência única pela existência serial.

Ainda conforme o filósofo alemão, o processo de trabalho submete o operário a inúmeras provas, sobretudo com a introdução da linha de montagem. Tais provas são implícitas, quando implicam na exclusão do posto de trabalho aqueles que não rendem o suficiente (a partir da lógica do cronômetro), mas também explícitas, como as avaliações formais das instituições de educação profissional. A conformação do cidadão operário, em sua relação eficaz com a tecnologia sob a ótica do empregador, neste sentido, seria um processo mediado por uma ação socializadora da escola, capaz de formar o trabalhador competente para atuar de acordo com as expectativas do patronato. Portanto, há de se conformar física e mentalmente um novo homem para uma nova realidade em transformação. Se antes o artífice controlava os recursos à sua volta para dar sentido à cultura que o alicerçava, o novo operário torna-se tão insumo quanto a máquina. Ele é formado para ser um recurso para sobreviver.

Esta ação, resgatando a noção de modernidade neurológica, se refere ao encaixe rítmico na atividade fabril e já começava antes da formação propriamente dita. Há de se considerar a relevância dada à época aos testes psicotécnicos, resultados das pesquisas de Alfred Binet em relação às aptidões psicofisiológicas para proporcionar a todos os candidatos às profissões o lugar adequado às suas capacidades, afinal, como aponta Simmel (1987), trata-se de uma época na qual a calculabilidade e exatidão são forçosamente introduzidas na vida. Portanto, uma vez racionalmente selecionados, a ação pedagógica de formação profissional tomava forma, onde

tudo tinha um lugar determinado nesse amplo e rigoroso esquema: forças sensoriais e motoras, acuidade dos sentidos e dos músculos, senso de equilíbrio, coordenação motora, agilidade corporal, firmeza nas mãos, percepção, atenção, reação, emotividade. (SENAI-SP, 2012a, p.127)

Não há mais lugar para medo da máquina e aversão à rotina fabril. Há de se trabalhar como um organismo. Em reflexão paralela a de Benjamin, Kracauer (2009) analisa fenômenos cotidianos caracteristicamente organizados e os associa à racionalização particular das sociedades capitalistas. Neste sentido, o ritmo organizado das escolas de formação profissional, buscando adequação à disciplina do “saber fazer bem feito” para sua atuação prevista na empresa, desenvolve-se de modo racionalizado e antinatural se for comparado ao procedimento subjetivo do artífice. A disposição articula-se à reflexão de Kracauer, ao analisar que a

(...) estrutura do ornamento da massa reflete aquela estrutura de toda a situação contemporânea. Visto que o princípio do processo de produção capitalista não se originou puramente da natureza, deve destruir os organismos naturais que representam um instrumento ou uma resistência. Comunidade popular e

personalidade se dissolvem quando o que se exige é a calculabilidade; tão somente como partícula da massa é que o indivíduo pode, sem atrito, escalar tabelas e servir máquinas (...) O ornamento da massa é o reflexo estético da racionalidade aspirada pelo sistema econômico dominante. (KRACAUER¹ 2009 apud LEAL e CORPAS, 2014, p.54)

Embora pareça que o ajuste do sujeito à sociedade industrial seja o objetivo, na verdade não é. Para Marcuse (1982), o grande objetivo é a mimese, isto é, uma identificação imediata do indivíduo com a sua sociedade e, através dela, à sociedade como um todo, isto é, o indivíduo não age como o que se espera dele, mas reproduz toda sua cadeia de valores a partir de uma previsibilidade objetiva e anódina. Portanto, os modelos de educação profissional tinham como missão adequar os perfis psicofisiológicos à Modernidade, promovendo um encaixe neurológico de ações e reações condizentes como uma nova lógica produtiva e social na qual a tecnologia da grande empresa capitalista se fazia presente. Somada ao patrocínio do entretenimento dirigido como efeito purgante, atuava em conjunto na constituição de corpos dóceis a serviço da sociedade disciplinar da Modernidade.

4 | OS SISTEMAS FLEXÍVEIS E A SOCIEDADE DE CONSUMO

A emergência de um novo modelo de produção flexível, advindo das estruturas produtivas do toyotismo, abre espaço para uma sociedade nova, que deixa de se basear nos valores e métodos da sociedade de produção e abraça a lógica da sociedade de consumo. Em conjunto, o modelo social disciplinar até então vigente evolui à sociedade de controle mais sofisticado como resposta mais eficaz à crise do próprio capitalismo nos anos 1970.

Se as estruturas disciplinares outrora estabelecidas eram rígidas, tornam-se destarte flexíveis. Não há mais a necessidade de elaboração de soluções físicas para moldar os corpos dóceis, uma vez que a disciplina da empresa já está interiorizada no sujeito. Os modelos de formação profissional, portanto, se prestam à elaboração de desenhos de perfis profissionais mais ajustados a este momento. Assim, a metodologia de formação por competências foi uma resposta dos sistemas educacionais às mutações no campo do trabalho. Segundo Antunes (2009), o novo modelo possibilitaria o advento de um trabalhador mais qualificado, participativo, multifuncional e polivalente, o que resultou, aliás, em nítida intensificação do trabalho.

Assim, a nova proposta de educação profissional é centrada em elementos de competência muito específicos uma vez que o profissional não é qualificado em ciência e tecnologias; ao contrário, recebe um pacote de mobilização de saberes, disposições e atividades objetivando lidar com possíveis situações-problema e pontos críticos para que possa reagir adequadamente e de forma cirúrgica, sem desperdícios de forma geral de tempo e conhecimento (CARDOZO, 2008).

1. KRACAUER, Siegfried. **O ornamento da massa: ensaios**. São Paulo: Cosac Naify. 2009.

A tecnologia, naturalmente, também se altera. De forma paritária aos modelos flexíveis, as novas máquinas permitem maiores recursos e, portanto, demandam um sujeito que deve relacionar-se com o ambiente produtivo de forma até então inédita. A interação com a tecnologia, portanto, é maior, embora se problematize até que ponto esta interação implique em aprendizado efetivo ao trabalhador. Como alerta Sennett, “*as pessoas podem acabar permitindo que as máquinas façam esse aprendizado, servindo a pessoa apenas como testemunha passiva e consumidora da competência em expansão, sem participar dela*” (2012, p.56). A reflexão não é gratuitamente pessimista e pode ser ampliada do chão de fábrica para uma perspectiva mais ampla. O filósofo Álvaro Vieira Pinto² (2005 apud BANDEIRA, 2011), já no início dos anos 1970, criticava projetos desenvolvimentistas os quais o Brasil ocuparia, em caráter de periferia do mundo capitalista, a condição de receptor paciente das inovações técnicas e aportes de tecnologia. Na ponta do processo, isto é, na fábrica, competiria ao trabalhador acompanhar o desenvolvimento tecnológico sem, no entanto, fazer parte dele.

Depreende-se até aqui que esta concepção neurológica seria muito menos rítmica, dada a interação com esta nova tecnologia, embora certamente mais crítica. Se os modelos de educação profissional no passado atendiam ao mercado formando um trabalhador baseado em seu posto de trabalho, nesta transição, o desafio revela-se prepará-lo dentro de si para situações voláteis, incertas, complexas e ambíguas (contexto conhecido como VUCA), de forma a inovar e lidar criativamente com problemas e circunstâncias críticas. Neste tipo de formação, a contínua mobilização de saberes e ações articulam respostas baseadas na capacidade relacional do sujeito, o que implica em outra forma de pensar a articulação do homem com a tecnologia e seu trabalho: tal “empoderamento” de saberes e ações chama o trabalhador a compartilhar preocupações que anteriormente eram exclusivas do patronato. Se antes sua formação se restringia ao seu ofício, no contexto flexível deve-se considerar a sustentabilidade do negócio e garantir sua competitividade. Na aurora da sociedade em rede neoliberal, a adaptação neurológica também evolui para maximizar os resultados também em rede, como os axônios de um neurônio: os trabalhadores se vigiam, se cobram entre seus pares em prol de maior entrega e criatividade, rivalizam-se, estressam-se psicologicamente em grupos mediante metas e prazos, trabalham (mais) à distância (em casa, nas férias e até mesmo convalescidos), dedicam-se a se tornarem patrimônio da marca a qual são vinculados (OLIVEIRA, 2005).

A tecnologia, por sua vez, nivela por cima as expectativas dos gestores dos processos produtivos com o emprego dos meios necessários para esta transformação da sociedade de consumo. Deixando para trás o cenário de transição caracterizado pelo contexto VUCA, e agora dominante a realidade pandêmica frágil, ansiosa, não linear e incompreensível (qualificado como contexto BANI) cujo baluarte capitalista é a Economia 4.0, Belluzzo e Galípolo (2016) mencionam a existência de fábricas sem luzes ou calefação as quais

2. PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. V. 1. Rio de Janeiro: Contraponto. 2005.

a automação completa da manufatura desenvolve produtos em ambiente desprovido de luz com mais de uma centena de células robóticas gerida por menos de uma dezena de trabalhadores. Tendo em vista este exemplo onde a realidade do ambiente produtivo não mais se presta à relação do homem com o mundo, pois até não prescinde de um ambiente humano, é pertinente retomar o conceito de autonomização fantasmagórica de Baudrillard³ (1996 apud FREDERICO, 2010), quando o sociólogo francês dispõe que a realidade cede para a preponderância de um mundo fantasmagórico de simulacro e hiper-realidade.

Assim, a tecnologia denota sua autossuficiência, relevando o homem a um papel coadjuvante, como um estranho em uma festa que não conhece ninguém e, por isso mesmo, sente que não foi convidado:

Aprendizagem de máquinas e tecnologia de *big data*; a comunicação de máquina para máquina; tecnologias de automação; a aplicação de tecnologia da informação e comunicação (ICT) para digitalizar informação e integrar sistemas em todos os estágios da produção (inclusive logística e fornecedores), tanto dentro quanto fora da planta; sistemas “*cyberfísicos*” que usam ICT para monitorar e controlar processos com sensores incorporados; robôs inteligentes que podem se autoconfigurar para adequação ao produto (...) (BELLUZZO e GALÍPOLO, 2016)

Se este é o panorama da tecnologia a preponderar na Economia 4.0, questiona-se qual será o próximo passo da educação profissional, que ao longo do século XX se pautou para inserir o cidadão no mundo do trabalho preferencialmente articulado à manutenção das relações estabelecidas tendo como base a expectativa do cumprimento de papéis sociais.

Se em determinada concepção neurológica a Modernidade buscou a purgação como instrumento de estímulo e compensação, a nova concepção neurológica da sociedade em rede neoliberal, genitora da Economia 4.0, buscará ampliar os canais de purgação por conta de uma sociedade tecnológica que se expande cada vez mais (e que precisará se expandir, pois é a própria lógica do capitalismo), com malha de conexões e trânsitos diversificados, em um mundo onde imperam excessos de consumo e fetichização. Afinal, como dispôs Leal e Corpas (2015), a atualidade do pensamento de Kracauer revela que os fatos que fazem sentido à humanização deixam de ocupar lugar no espaço e tempo do *ethos* das pessoas para que qualquer espaço e tempo, resultados da purgação da sociedade em rede, sejam classificados como fatores de uma nova humanização. Como exemplos desta purgação, a nova resposta compensatória condiciona a sociedade ao consumo de produtos tecnológicos com obsolescência e reposição programada (GARCIA, 2015) e a seduz com as sagas intermináveis de heróis em produções multimilionárias nos cinemas (VIDOR, 2015). Como ciclos que nunca se fecham, são, a rigor, exemplos da produção de bens físicos e intangíveis patrocinados por altos investimentos em tecnologia cuja perspectiva não é outra senão manter a sede do trabalhador/consumidor por algo que sabe que não termina, como

3. BAUDRILLARD, Jean. **A troca simbólica e a morte**. São Paulo: Loyola. 1996.

já vislumbrava Benjamin na análise acerca da reprodutibilidade técnica, o que corrobora a manutenção do contexto frágil, ansioso, não linear e incompreensível (BANI).

De outro lado, se a docilização foi a outra face da moeda, ela não precisou ser ampliada como a purgação, levando-nos a distopias romanceadas. Portanto, a docilização da sociedade em rede neoliberal se pauta não mais em disciplina técnica, mas em uma articulada disciplina de predisposições, resultado da mimese bem desenvolvida por décadas pela sociedade disciplinar. De um lado, segundo Dufour (2005) valoriza-se sujeitos acrílicos e incertos, desarticulados de qualquer grande narrativa ideológica que suporte sonhos e condutas, mas que valorize tão somente o discurso do utilitarismo, um passaporte para o mercado neoliberal e uma disposição bem-vinda para uma relação opaca com a tecnologia. De outro lado, como aponta Sloterdijk⁴ (2012 apud ŽIŽEK, 2010), há um processo de valorização do cinismo:

O sujeito cínico tem perfeita ciência da distorção entre a máscara ideológica e a realidade social, mas apesar disso, continua a insistir na máscara. A fórmula, portanto, tal como proposto por Sloterdijk, seria 'eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmo assim o fazem'. A razão cínica já não é ingênua, mas é o paradoxo de uma falsa consciência esclarecida: sabe-se muito bem da falsidade, têm-se plena ciência de um determinado interesse oculto por trás de uma universalidade ideológica, mas ainda assim, não se renuncia a ela. (ŽIŽEK, 2010, p.310)

Assim purgação e docilização assumem posições muito distantes daquelas que foram características quando da aurora e desenvolvimento dos modelos de educação profissional simultaneamente à disseminação do regime taylorista-fordista. A adaptação neurológica atual não se coloca para equalizar o sujeito aos estímulos físicos daquela realidade produtiva e social, mas aos estímulos simbólicos desta que, como dispôs Antunes (2009), caracteriza-se pela migração da classe trabalhadora para classe colaboradora.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas disposições organizadas e analisadas, há forte associação dos modelos institucionalizados de educação profissional para a adaptação psicofisiológica dos sujeitos à Modernidade em seus aspectos fabril e na vida urbana. A análise também permite inferir que, após a adoção de sistemas flexíveis de produção, a educação profissional também se reconfigurou para aderir à lógica da empregabilidade atitudinal e tecnológica, em contraposição à ameaça do desemprego sistêmico em paralelo aos paradoxos cada vez mais acentuados que se verão decorrentes da Economia 4.0: *“Em uma das mãos, ela oferece as promessas de abundância e do tempo livre; na outra, ameaça com a precarização, a queda dos rendimentos dos trabalhadores menos qualificados, o aumento da desigualdade”* (BELLUZZO e GALÍPOLO, 2016).

4. SLOTERDIJK, Peter. **Crítica da Razão Cínica**. São Paulo: Editora Estação Liberdade. 2012.

A criatividade e inovação que tanto se fomentam, de uma forma ou de outra, contrastam com um elemento que foi inegociável até hoje na grande empresa capitalista: o controle da mão de obra no uso da tecnologia. Sensível a esta problemática, Hoffmann (2015), ao analisar os desafios do trabalho atual na condição de líder sindical da maior nação industrializada da Europa, destaca que o grande desafio frente à Economia 4.0 é tornar o emprego com uma feição humana, direcionado para redução do estresse mental e exploração excessiva, de forma que pautar discussões sobre educação profissional e o trabalho decente são críticas para que os trabalhadores não sejam coadjuvantes neste processo.

Se os modelos de educação profissional funcionaram como mecanismo de adaptação à concepção neurológica da Modernidade, talvez possam lidar com a sociedade em rede em uma perspectiva diferente da qual foi utilizada ao longo do século XX. Considerando o teor da epígrafe deste artigo que, nas palavras de Simmel, resume o teor do conflito na Modernidade e, por que não, sua perpetuação durante a sociedade em rede, se o trabalho atual é resultado de uma relação fragmentada entre o homem e o seu meio, uma perspectiva polissêmica do trabalho, já que se demandam perfis mais inventivos e criativos, poderia dar vazão a uma ruptura, desta vez, em direção a uma formação politécnica e dialética (MANGABEIRA UNGER, 2018). Do ponto de vista de um encaixe neurológico adaptado a uma sociedade em rede, esta proposta de formação poderia se pautar para que a relação entre homem, tecnologia e seu meio (agora em rede e mais complexo) seja mais crítica, inclusiva e reflexiva, e, portanto, ativista no que tange às singularidades que contrastam com o predatismo entre os trabalhadores e o modo anódino dos sujeitos ao transitar entre a balança da produção e consumo, ecológica e economicamente irresponsáveis.

Neste sentido, há de se imaginar que a sociedade em rede pode abrir mais portas com destino às alternativas de articulação efetiva entre cultura e política, bem como sujeito e tecnologia: para além da utilização objetiva de tecnologias diversas para formar e informar pessoas, vislumbra-se o emprego destas iniciativas acima de tudo para enfatizar sua autocrítica e a conseqüente *praxis*, isto é, para problematizar o contexto do uso das tecnologias de produção-consumo e concretizar alternativas possíveis em relação aos meios e os fins em uma sociedade capitalista tendo como premissa a disposição que o homem não seja concorrente ou refugio do próprio tempo em que vive.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho**. São Paulo: Editora Boitempo. 2009.

BANDEIRA, A. E. O conceito de tecnologia sob o olhar do filósofo Álvaro Vieira Pinto. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n. 1, p. 111-114. 2011.

BELLUZZO, L. G.; GALÍPOLO, G. A nova revolução industrial. **Valor Econômico**. [online] São Paulo, 1 nov. 2016. Economia. Disponível em: < <https://valor.globo.com/opiniao/coluna/a-nova-revolucao-industrial.ghtml> > Acesso em: 2 nov. 2016.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura**. São Paulo: Brasiliense. 1994.

CARDOZO, M. J. P. B. A produção flexível e a formação do trabalhador: o modelo da competência e o discurso da empregabilidade. In: SOUZA, A. de A. [et. al.] (Orgs.) **Trabalho, capital mundial e formação dos trabalhadores**. Fortaleza: Editora SENAC Ceará: Edições UFC. 2008.

DUFOUR, D. **A Arte de Reduzir as Cabeças**. Rio de Janeiro: Ed. Cia de Freud. 2005.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2007.

FREDERICO, C. Debord: do espetáculo ao simulacro. **Matrizes** Ano 4, n. 1, jul/dez 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143016764011>> Acesso em 29 jun. 2016

FREYRE, G. **Ordem e Progresso**. 6. ed. São Paulo: Global Editora. 2006.

GARCIA, G. Apple quer que as pessoas parem de dormir na frente de suas lojas. **Exame**. [online] São Paulo, 7 abr. 2015. Tecnologia. Disponível em: < <https://exame.com/tecnologia/apple-quer-que-as-pessoas-parem-de-dormir-na-frente-de-suas-lojas/> > Acesso em: 2 nov. 2016.

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista. 1991.

HOFFMANN, R. O Trabalho no Futuro. **Perspectiva**. [online] Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) Brasil. n. 1. 2015. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/12008.pdf>> Acesso em 10 mai. 2016.

LEAL, C; CORPAS, D. Benjamin e Kracauer: algumas passagens. **Redobra**. [online] n. 14, ano 5. p. 48-57. 2014. Disponível em: < http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2014/12/RD14_EN03_Benjamin-e-Kracauer-algumas-passagens.pdf > Acesso em 18. Jun. 2017.

LETTIERI, A. A Fábrica e a Escola. In: GORZ, A. **Divisão Social do Trabalho e Modo de Produção Capitalista**. Portugal, Porto: Publicações Escorpião. 1976.

MANGABEIRA UNGER, R. **A economia do conhecimento**. Editora Autonomia Literária. 2018,

MARCUSE, H. **A Ideologia da Sociedade Industrial: O Homem Unidimensional**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1982.

MORAES, C. S. V. **A socialização da força de trabalho: instrução popular e qualificação profissional no estado de São Paulo**. Bragança Paulista, SP: EDUSF. 2003.

OLIVEIRA, R de. **Empresariado industrial e educação brasileira**. São Paulo: Cortez. 2005.

PINTO, G. A. **A Organização do Trabalho no Século XX**. São Paulo: Expressão Popular. 2007.

SENAI-SP. **De Homens e Máquinas: Roberto Mange e a formação profissional**. São Paulo: Editora SENAI-SP. 2012a.

SENAI-SP. **Série Metódica Ocupacional: O ensino profissional para aprender fazendo**. São Paulo: Editora SENAI-SP. 2012b.

SENNETT, R. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record. 2012.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. (Org.) **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

SINGER, B. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. R. (Orgs.) **O Cinema e a Invenção da Vida Moderna**. São Paulo: Cosac & Naify Edições. 2001.

VIDOR, G. O mercado de 'games' no mundo fatura mais que cinema e música, somados. **O Globo**. [online] Rio de Janeiro, 25 mai. 2015. Economia. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/economia/o-mercado-de-games-no-mundo-fatura-mais-que-cinema-musica-somados-16251427>> Acesso em: 24 jun. 2017.

ŽIŽEK, S. **Um Mapa de Ideologia**. São Paulo: Ed. Contraponto. 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagem Emancipatória 90, 91, 93

Agentes 24, 34, 36, 56, 58, 62, 66, 67, 68

Alfabetização “Não-Escolar” 1, 4, 15

Aprendizagem 12, 13, 14, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 31, 53, 58, 60, 67, 85, 91, 92, 94, 96, 97, 99, 100, 139, 140

B

Burocracia de Médio Escalão 33, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 50, 51, 54, 55

C

Carreira Militar 116, 120, 121

CBAI 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68

Compartilhamento 69, 71, 73, 74, 76, 96, 99

Conhecimento 5, 7, 8, 11, 12, 14, 15, 20, 23, 24, 26, 28, 29, 30, 32, 35, 38, 40, 44, 45, 46, 47, 50, 52, 63, 66, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 83, 88, 93, 97, 103, 118, 122, 135, 140, 142, 143, 145, 147, 156, 160, 161, 177, 181, 186, 189, 191, 200

Coordenação 18, 19, 21, 30, 31, 41, 42, 61, 72, 73, 82, 133

D

Desenvolvimento 4, 14, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 39, 40, 48, 50, 52, 57, 60, 69, 71, 74, 76, 77, 78, 84, 86, 91, 92, 94, 96, 99, 102, 103, 115, 120, 129, 136, 137, 139, 142, 145, 147, 153, 156, 160, 161, 164, 166, 167, 169, 175, 179

E

Economia 4.0 77, 78, 85, 86, 87

Educação 1, 2, 5, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 38, 39, 42, 45, 53, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 77, 90, 92, 93, 99, 100, 101, 102, 103, 113, 114, 149, 158, 176, 191, 192, 215

Educação Física Escolar 101

Educação Infantil 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32

Educação Profissional 42, 52, 67, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87

Educação Sexual 90, 91, 92, 93, 98, 99, 100, 157

Empoderamento 84, 120, 166, 167, 168, 172, 175

Ensino Industrial 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68

Epistemologia Qualitativa 90, 93

F

Forças Armadas 116, 117, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130

G

Gênero 3, 91, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 125, 128, 129, 130, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 156, 158, 160, 164, 166, 167, 168, 169, 171, 173, 175, 176, 215

Gerações 62, 131, 132, 133, 136, 138, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 148, 164, 195

Gerentes 55, 131, 132, 133, 135, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146

Gilbert Durand 184, 185, 189, 190, 191

H

Homossexualidade 104, 153, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 171, 173

I

Iconoclastia 184, 185, 186, 189, 190, 191

Identidade Profissional 131, 132, 134, 135, 140, 141, 145

IFES 33, 34, 35, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53

Igualdade de Gênero 116, 125

Imaginário 184, 185, 188, 189, 190, 191

Implementação 14, 25, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 69, 147, 155

L

Lutas Identitárias 159

M

Migrantes 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15

Modernidade 16, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 160, 163, 189, 190, 193, 195, 198, 203

Mulheres 3, 5, 20, 22, 91, 102, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 137, 138, 140, 143, 144, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 162, 166, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 205, 208, 211

N

Narrativas 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 27, 55, 189

O

Organização 1, 4, 5, 8, 12, 19, 22, 24, 25, 26, 29, 32, 39, 46, 60, 61, 67, 69, 71, 72, 73, 74,

75, 79, 88, 122, 130, 133, 134, 135, 139, 142, 143, 144, 145, 171, 173, 174, 179

P

Política Pública 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 45, 54, 156

R

Raízes Pré-Históricas 159

Reconhecimento 8, 14, 21, 38, 98, 103, 113, 122, 150, 153, 154, 159, 165, 176, 183

Relação 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 18, 20, 24, 29, 35, 37, 46, 51, 60, 71, 77, 78, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 118, 119, 138, 140, 142, 143, 145, 154, 155, 157, 159, 162, 166, 167, 168, 172, 175, 178, 179, 180, 189, 192, 193, 194, 196, 198, 199, 201, 202, 212, 213

Religião 134, 151, 162, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 184, 185, 186, 190, 191, 198, 200, 201, 202, 204


S

Saúde 11, 21, 28, 54, 55, 58, 62, 100, 102, 113, 122, 125, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 175, 179, 207, 208

Sexualidade 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 113, 114, 115, 119, 121, 129, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 168, 169, 173, 174, 181

T

Tecnologia 45, 70, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 137, 147, 150



EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS 2

www.atenaeditora.com.br 

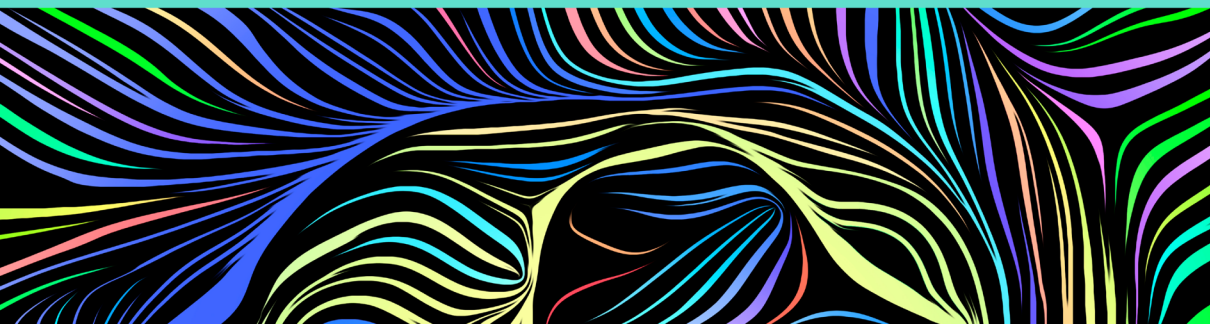
contato@atenaeditora.com.br 




[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS 2



www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 